



Depois de dez anos, a Galeria Astreia mudou-se para a Padre João Manoel

# Astreia deixa hoje Centro da Cidade

A mais antiga galeria de arte de São Paulo — a Astréia — está inaugurando hoje, com uma mostra coletiva, suas novas instalações. Da praça Ramos de Azevedo, onde funcionou durante 10 anos, a Astréia foi ocupar os dois pavimentos de uma casa na rua Padre João Manuel, 1.252.

A coletiva que inaugura a nova Astréia compõe-se de 55 trabalhos, todos inéditos, alguns especialmente feitos para a mostra. São pinturas, gravuras, desenhos, esculturas, tapeçarias e objetos, dos seguintes artistas: Aldemir, Barsotti, Becker, Boese, Bonadei, Carlos Lemos, Chiaverini, Dacosta, Di Cavalcanti, Di Prete, Emanuel Araujo, Fernando Lemos, Fukushima, Graciano, Grassmann, Guersoni, Ianelli, Isabel Pons, Kusuno, Lewy, Liuba, Mabe, Maciel, Maria Leontina, Nakakubo, Nicola, Odriezola, Piza, Scliar, Stockinger, Tarsila, Thomaz, Tomie, Toyota, Vlavianos, Volpi, Wakabayashi, Waldemar da Costa, Wega, Wesley e Willys de Castro.

Segundo o proprietário da Astréia, sr. Stefan Geyerhahn, muitos artistas sentiram-se ofendidos por não terem sido convidados para esta coletiva. Procurou, no entanto, reunir "o maior número de artistas, mas convidar todos os grandes nomes era impossível".

Depois desta coletiva, a Astréia apresentará, ainda este mês, uma individual de Manézinho

Araujo; em seguida, nova coletiva, com trabalhos de Mabe, Ianelli, Fukushima e Wakabayashi.

## Funcionalidade

Não há luxo nas novas instalações da Astréia. Da fachada, em ocre e branco, às salas interiores, inteiramente pintadas de branco, tudo foi planejado de modo que as telas "falem por si só". A funcionalidade é a principal característica.

No terreo há um grande salão em forma de "L", de 16 por 9 metros. O forro, de material isolante, sofre uma inclinação para o alto, em direção ao fundo do salão, onde o pé direito alcança 4 metros, possibilitando a colocação de quadros de grandes dimensões. Foi usado um sistema simplificado de penduração, com finos cordões de nylon branco, que eliminam os trilhos convencionais. A iluminação também recebeu um tratamento especial, apesar de simples: ao longo de todo o forro foi instalada uma dupla fileira de "spotlights", cujos braços de sustentação tem mobilidade total.

No pavimento superior, há 4 salas de 5 por 5 metros — duas delas serão utilizadas para desenhos e gravuras, bem como para o acervo e o escritório da galeria. A mudança da Astréia para a zona dos jardins, onde algumas galerias já estão instaladas, foi uma exigência de colecionadores e artistas.

Na praça Ramos de Azevedo, ao lado do Teatro Municipal, as exposições já não eram possíveis, devido principalmente às dificuldades de trânsito, de estacionamento.

Durante os 10 anos, foram realizadas mais de 160 exposições, entre elas de Mabe, Fukushima, Caribê, Genaro de Carvalho, Smael Nery, Aldemir Martins, Goeldi, Ianos, Vlavianos, Bonadei, Raimundo de Oliveira. Nesse período, muitas outras galerias abriram suas portas, mas tiveram que fechá-las: não conseguiam sobreviver às dificuldades, ao alto custo dos aluguéis, das taxas, de gastos de toda a ordem.